



Barro, balas e memória colonial

Donald Locke: Resistant Form

Dynasty, The Birth of Empire (The Birth of Empire #2), 1989

© Estate of Donald Locke; Foto: Michael Brzezinski



Retrospectiva de Donald Locke traz luz e reconhecimento à obra do artista, que faleceu em 2010

Há artistas que chegam tarde à visibilidade não porque o trabalho é fraco, mas porque o mundo demorou a construir as palavras certas para falar deles. Donald Locke é um desses casos. Entrei no Camden Art Centre com grande curiosidade e saí com aquela sensação boa – e um pouco incômoda – de ter descoberto alguém que deveria ter estado no meu radar há muito tempo.

Locke nasceu em 1930, na Guiana Britânica; viveu e trabalhou entre Georgetown, Edimburgo, Londres, o deserto do Arizona e Atlanta – e morreu em 2010 sem ter recebido, em vida, o reconhecimento que sua obra pedia. Esta retrospectiva no Camden Art Centre é, para muita gente, o primeiro encontro real com ele.

A exposição começa pelas cerâmicas dos anos 1960; e já de cara você entende que isso não tem nada a ver com a cerâmica britânica tradicional – aqueles vasos comportados e bem-educados. As formas de Locke são outra coisa: lembram troncos humanos, pélvis, se-

mentes, pulmões abertos. Têm uma presença corporal que te pega antes de você ter tempo de pensar.

O artista chegou ao Reino Unido com uma bolsa do governo guianense, para estudar em Bath e depois em Edimburgo, onde também fez filosofia moral e antropologia social – o que explica bastante sua obra. Mas Locke não trouxe da Guiana apenas uma história de vida. Era uma relação com a argila como matéria viva, quase tão próxima quanto a pele.

A virada para os anos 1970 é quando a exposição fica mais densa e mais difícil de se ignorar. A *Plantation Series* (c. 1972-1976) mistura cerâmica com metal, madeira e pêlo animal. De longe, parece abstração geométrica. De perto, você percebe que essas grades e gaiolas não estão ali por razões estéticas. Estão ali porque as plantações coloniais da Guiana eram exatamente isso: uma paisagem quadriculada de controle, onde cada corpo tinha um lugar determinado.

Twin Form (black interior), 1978

© Estate of Donald Locke; Foto: Michael Brzezinski



Enigma Bottle – Nike, 2009

© Estate of Donald Locke



Folded Shield, 1973

© Estate of Donald Locke; Foto: Michael Brzezinski





Plantation Series X/1, 1973
© Estate of Donald Locke; Foto: Michael Brzezinsk

E aí tem *Trophies of Empire* (1972-1974), que é a obra que pára todo mundo na sala. Uma estante de madeira com 27 compartimentos, cada um com um cilindro cerâmico preto – que Locke chamava de “bala” – e que, claramente, também funciona como forma fállica. Dois deles aparecem amarrados com correias de couro velho. Fiquei parada na frente dessa peça por um bom

Installation views



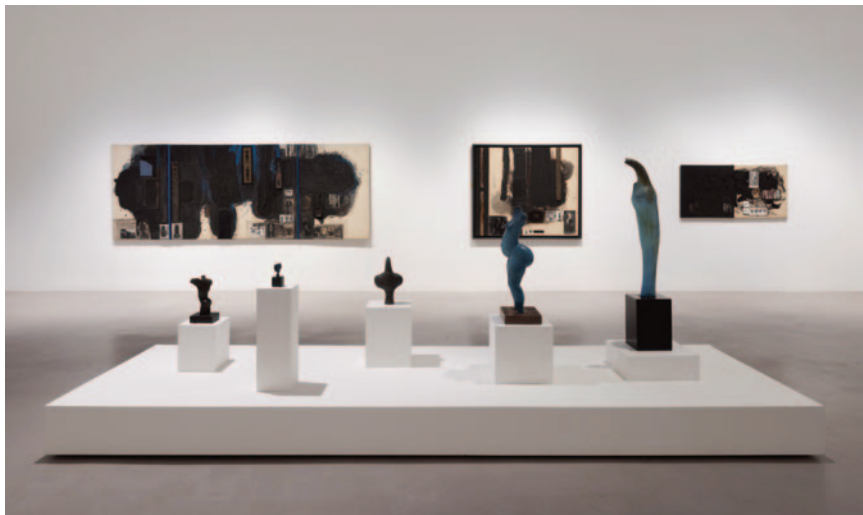
Installation view

Foto: Rob Harris

tempo. A violência é colonial e corporal ao mesmo tempo – e não tem como desviar o olhar.

Se há uma coisa que atravessa toda a obra de Locke é o preto – mas não como ausência ou como drama.

Fotos: Rob Harris





Trophies of Empire, 1972-1974

Foto: Rob Harris

Como posição. *Barracoon I* (1978) e *63 Black Squares* (1978-1979) são obras em que a forma aparece no preto, mas não se resolve; fica suspensa, à beira de algo que você não consegue nomear direito. É uma escolha que antecipou o *Black Arts Movement* britânico dos anos 1980 – só que sem o gesto declarativo. Em Locke, o preto é mais quieto. E, por isso, mais perturbador.

Em 1979, Locke vai para o Arizona com uma *Fellowship Guggenheim*. No deserto, começa a dispor telas pretas no chão, como se estivesse marcando um caminho. Quando se muda para Atlanta, em 1990, a obra fica ainda mais complexa: as pinturas em *mixed-media* dos anos 1990 acumulam fotos de soldados confederados, caveiras, a rainha Vitória, cantoras negras, fotos das próprias

obras antigas. O passado aparece em *loop*, depositado em camadas sobre superfícies densas e texturizadas.

Imperial Echoes (1991), por exemplo, ocupa múltiplas telas dispostas em formação, como uma continuação dos marcadores no deserto. A escala expande, a superfície acumula, a memória não se resolve. A história não

é ilustrada – ela é sedimentada ali, como se não tivesse para onde ir.

O que me ficou, ao sair da exposição, foi o seguinte: Locke fez tudo isso décadas antes de colonialismo e identidade diaspórica virarem temas centrais da arte contemporânea. Ele não estava respondendo a uma

Enigma Variations, 1993

© Estate of Donald Locke; Foto: Michael Brzezinski



tendência; mapeava um território que o mundo ainda ia demorar a reconhecer.

A obra não oferece conforto. As gaiolas continuam fechadas, as balas continuam polidas, o preto continua pesado. O que ela oferece é uma linguagem – rigorosa, sensorial, honesta – para falar do que sistemas de poder fazem aos corpos e às memórias.

Para quem já sabia quem era Locke, *Resistant Forms* é uma confirmação do tamanho de sua obra. Há artis-

tas que o tempo vai engolindo. Locke é o oposto: quanto mais o tempo passa, mais o trabalho parece falar do agora.

SERVIÇO

Donald Locke: *Resistant Forms*

Até 30 de agosto

Camden Art Centre

Arkwright Road, Londres NW3 6DG

<https://camdenartcentre.org/>

The Landscape of Apollo Vector, 1992

© Estate of Donald Locke; Foto: Michael Brzezinski

